

Restolho

Dia Sim Dia Sim

As conjunturas são as mais diversas. O mundo está mais rico, mais diverso. Mas também mais adverso. Aumentou o Bem mas também aumentou o mal. Nunca como agora é mais tortuoso ser bom, ser-se feliz e a felicidade é um sentimento cada vez mais sociológico, ou seja, conta com o sujeito confinado ao espaço doméstico com múltiplos acesso ao real, que é sempre exterior a ele mesmo. Isso mesmo, é o mito da Caverna revisitado. Aliás, Saramago escreveu *A Caverna* e terá sido isso, terá sido leitor de uma realidade que articula o Eu e o grupo, no limite, a sociedade e a correspondente distância entre subjetividade e objetividade sociológica, antropológica (quando mete o costume ao barulho) e até filosófica...

Nunca o mundo foi tão abundantemente abstrato como hoje, mas com uma imensa necessidade de concreto, de concreção, ou seja, a prova está à prova em toda as circunstâncias e vejam-se as circunstâncias criminais. Passa-se muito tempo com análises acerca de tudo e todos, a sociedade nunca se viu ela mesma tanto como agora e estou falando do contexto etnográfico português, nomeadamente a cidade de Lisboa...

Porque pouco podem passar algum tempo em convalescença, em desejo não cumprido, porque o território mais cobiçado é o território do corpo, da mulher como grande Outro, que se funde com a própria ideia de deus e a ela se substitui, por outra via...

Assim, as fronteiras geográficas não importam, perdem significação até simbólica, existem como os limites de um concelho a outro, porque tudo é possível, transponível e mesmo a lei vai-se arrastando pela lama das ruas, adiada em burocracia e estertor agonizante...

O que se passa então em França, um dia não seguido de um dia não, a sociedade está equilibrada mas sensível e qualquer por menor, ou “pormaior”, acaba por desequilibrá-la, sacudi-la, violentamente. Curioso, em tudo isto, a ausência dos cientistas sociais. E olhem que eu ultimamente tenho visto bastante televisão, a nacional e a internacional, nomeadamente notícias. É a questão do foro e a peremptória afirmação de que “não queremos chico-espertos no linguajar, alguém

que saiba tudo, por isso se cultiva um não-saber que nem sequer é filosófico, é pertencente ao reino do mais puro senso-comum...

Victor Mota